

ENTRE O CAMPO E A CIDADE: REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO DA JUVENTUDE CAMPONESA

BETWEEN THE FIELD AND THE CITY: REFLECTIONS ON THE SPACE OF CAMPONESA YOUTH.

ENTRE EL CAMPO Y LA CIUDAD: REFLEXIONES SOBRE EL CAMPESINO ESPACIO JOVEN

Luciano Benini de Oliveira¹

oliveirabenini@gmail.com

Carlos Alberto Feliciano²

cacafeliciano@hotmail.com

RESUMO: A presente discussão visa problematizar as diversas dimensões que estão relacionadas à saída ou a permanência da juventude camponesa de suas áreas de convivência, pois os jovens do campo são atingidos frontalmente e cotidianamente pelo estigma do movimento contraditório de viver no campo, estabelecendo tensões segregatórias que cumprem papel de desqualificação simbólica, associada ao rural. Diante das realidades contraditórias vividas no campo e na cidade encaramos a situação como parte dos elementos de conexão umbilical as diversas realidades globais, presentes e operantes na sociedade que explicam a essência, onde a busca de respostas para explicar as aparências, caminha na contramão, pois este não é o fim, mas o início de um processo de busca de elementos que expliquem a realidade do fenômeno.

Palavras chaves: Juventude Camponesa. Campesinato. Assentamentos Rurais. Trabalho.

ABSTRACT: This discussion aims to discuss the various dimensions that are related to exit or stay of the peasant youth of their living areas as youth field are achieved frontally and daily by the stigma of the contradictory movement of living in the country, establishing segregatory tensions that meet paper symbolic disqualification associated with rural. Faced with contradictory realities experienced in the field and in the city we view the situation as part of the umbilical connection elements the various global realities, present and at work in society that explain the essence, where the search for answers to explain the appearances, walking against because this is the end, but the beginning of a process of search elements to explain the essence of the phenomenon.

Keywords: Peasant youth. Peasantry. Rural settlements. Labor

RESUMEN: Esta discusión tiene como objetivo discutir los diversos aspectos que se relacionan para salir o permanecer de la juventud campesina de sus zonas de residencia como ámbito de la juventud, se logran frontalmente y diariamente por el estigma del movimiento contradictorio de la vida en el país, estableciendo segregatorias tensiones que cumplen inhabilitación de papel simbólica asociada a las zonas rurales. Ante realidades contradictorias con experiencia en el campo y en la ciudad que ven la situación como parte de los elementos de conexión umbilical las diferentes

¹ Professor e Bacharel em Geografia pelo Curso Especial de Geografia (CEGEO). Pós-graduado no Curso Lato-Sensu modalidade Especialização em Geografia (Edital 26/2013UNESP/INCRA/CNPqPRONERA). Aluno do Curso de Mestrado Acadêmico da

Faculdade de Ciências e Tecnologias - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita". Membro do Grupo de Pesquisa "Centro de Estudos de Geografia do Trabalho" (CEGeT) e Membro do Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde – CETAS.

² Geógrafo; Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Pós-doutor pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, campus de Presidente Prudente).

realidades globales, presentes y en el trabajo en la sociedad que explican la esencia, donde la búsqueda de respuestas para explicar las apariencias, caminando en contra porque este no es el fin sino el comienzo de un proceso de búsqueda de los elementos que explican la realidad del fenómeno.

PALABRAS CLAVE: Campesinos Jóvenes. Campesinado. Los establecimientos rurales. Trabajo.

INTRODUÇÃO

Há muitas certezas e incertezas no processo de reprodução social da juventude do campo, nossa reflexão busca compreender a mobilidade deste público que luta contra um processo de invisibilidade. A discussão proposta tem como objetivo apresentar algumas pesquisas que mostram as dificuldades e facilidades dos jovens em permanecer ou sair do campo.

Ao longo desta abordagem teremos o cuidado de realizar o exercício de problematizar elementos que estão implícitos nas pesquisas. Para ilustrar, trazemos a história de um o jovem camponês Zadig, morador dos campos da Babilônia³, com uma vida que reserva surpresas de evolução e involução, que se completa, se faz e se refaz, abrindo caminhos onde antes não havia possibilidades de caminhar projetando o futuro nas contradições do presente. (VOLTAIRE. 2008 p. 32). Certo dia Zadig, passeava pelos campos na orla de um bosque quando viu se aproximar esbaforido, um súdito da rainha e vários oficiais, os homens estavam à procura de um cachorro, uma preciosidade da majestade. Então questionam o jovem camponês, se teria visto o referido animal, que responde: “Não o vi”, e argumenta: “mas trata-se de uma cachorrinha de caça que deu cria há pouco tempo e que manquejava da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas”. Sem entender os oficiais prendem o jovem acusado de roubar o animal, quando solto meses mais tarde, revê-la como chegou a tais definições:

(...) Juro-os que nunca vi a respeitável cadela da rainha, quando passeava pelos campos, percebi na areia pegadas de um animal e facilmente conclui serem as de um cão, leves e longas, sulcos, visíveis nas

³ Definição pseudômica utilizada por VOLTAIRE para tratar de temas filosóficos, sociais, religiosos e morais por meio de contos. Com frequência retrata personalidades de destaque na sociedade em seus contos de forma velada sob o nome de um personagem que reproduz seu jeito, suas atitudes comportamentais, seu modo de pensar e agir. Nesse conto podem ser reconhecidas várias personalidades do reino da França da época de Voltaire, pois o conto reflete a própria situação do reino Frances prestes a cair no caos, na anarquia (o que de fato, se verificou poucos anos depois na Revolução Francesa de 1789).

ondulações da areia entre os vestígios das patas, revelaram-me tratar-se de uma cadela com as tetas pendentes, e que, portanto, devia ter dado cria a poucos dias. Outros traços em sentido diferente sempre marcando a superfície da areia ao longo das patas dianteiras, acusavam ter ela orelhas muito grande, além disso, notei que as impressões de uma das patas eram menos fundas que as outras três, deduzi que a cadela da nossa Augusta rainha manqueja um pouco. (...). (VOLTAIRE, 2008 p.p. 25, 26, 27, 28, 29).

A presente ilustração demonstra nosso objetivo de exercitar a busca da compreensão dos propósitos dos jovens permanecerem no campo ou sair e os mecanismos que estes desenvolvem para resistir diante das adversidades. Sendo a diversidade social observada pelos seus elementos aparentes, subjetivos e sua relação dialética com a complexidade dos elementos, pois buscamos explicações da essência das dinâmicas sociais e territoriais. Nossa reflexão busca alargar os horizontes sobre o tema da juventude rural, pois, para responder: Porque os jovens saem do meio rural? Por que eles ficam? Precisamos observar os fenômenos de forma crítica e dinâmica, pois a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que temos dela, estando esta inserida em um processo multidimensional de transformações, onde o desvendamento do fenômeno deve ser analisado dialeticamente, pois “o todo não nega as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo”, mas sim potencializa a contradição. (COUTINHO, apud. KONDER, 1981, p. 46). A realidade deve ser analisada nos seus diversos aspectos contraditórios, onde as aparências não sejam o fim, mas o começo do caminho para a essência dos fenômenos, para esclarecermos todas as dimensões do fenômeno. Como podemos perceber em KONDER (1981):

(...) Podermos ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos, precisamos realizar operações de sínteses e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também, e, sobretudo, a dimensão mediata⁴ delas (...) (KONDER, 1981, p.47).

SONHOS E NECESSIDADES “VERSOS” A REALIDADE

A realidade social é rica, dinâmica e multifacetada, sendo a vida dos jovens rurais fortemente marcadas pelas suas relações com a família e a comunidade, pois as “relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais”. Confluências de desejos, sonhos, necessidades e vontades construídas em espaços distintos e

⁴ Segundo Leandro Konder, a experiência nos ensina que em todos os objetos como os quais lidamos existe uma dimensão imediata (que nós percebemos imediatamente) e existe uma dimensão mediata (que a gente vai descobrindo, construindo ou reconstruindo aos poucos).

superpostos, “trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo a experiência dos jovens rurais e a sua inserção na sociedade” (CARNEIRO, 2007 p.p. 23, 24). Onde muitas vezes o caminho para a realização dos sonhos é “escapar” da vida/realidade local, tanto no plano familiar quanto no plano da sociedade, esta atitude, cria uma realidade imediata, palpável, legível de aparente saída do campo. Mas não é só isto, se pararmos para refletir verificaremos uma série de mediações que interpenetram com suas comunidades e interferem em suas realidades. A mediação mais próxima a ser reconstruída são os valores, os sonhos, os desejos dos jovens no meio rural. E as mediações subjetivas que se entrelaçam aos sonhos e as necessidades de realização destes desejos, onde são criadas certezas, necessidades que nunca são questionadas, mas sim naturalizadas e interiorizadas como necessidades pessoais, e caso não consiga romper, “não serei feliz”.

Nesta realidade encontramos padrões que são construídos pelo mundo, ditando vontades, desejos, necessidades nos lugares como podemos observar na pesquisa de ESTEVES (2008. p.p 6,7,8), que desvendam a construção de estereótipos de jovens. Como podemos observar no quadro:

Elementos que definem a população jovem no Brasil, 2004.

| O que melhor define o jovem nos dias de hoje | % |
|---|-------|
| A moda e a aparência | 26,9 |
| A força e a agilidade | 4,6 |
| A linguagem, a música | 9,8 |
| A consciência, a responsabilidade e o compromisso | 14,6 |
| A insegurança pessoal e social | 9,6 |
| A falta de perspectivas | 8,1 |
| Ser questionador/transgressor/ousado | 5,0 |
| Ser instável emocionalmente | 2,8 |
| Ser criativo/empreendedor | 7,1 |
| Ser egoísta | 6,1 |
| Ser consumista/comprar | 0,0 |
| Depende do ambiente em que convive | 0,0 |
| Ser respeitado | 0,0 |
| Ser inteligente | 0,0 |
| Ser alegre/feliz | 0,0 |
| Ser mal educado | 0,0 |
| Ser agressivo | 0,0 |
| Ser violento | 0,0 |
| Ser irresponsável | 0,0 |
| Ser dependente de drogas | 0,0 |
| Nenhuma destas | 0,2 |
| Não sabe/Não opinou | 4,9 |
| Total | 100,0 |

FONTE: Pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”. Unesco, 2004ⁱⁱⁱ.

Na tabela constatamos que a identidade visual- traduzida pela moda e pela aparência representa a principal característica dos jovens, pois 26,9% dos entrevistados acreditam serem elementos fundamentais para os jovens, fica clara a forte padronização dos gostos de acordo com “as modas” impostas por empresas que constroem desejos e vontades de consumo. Ainda temos com 14,6 % o quesito consciência, á responsabilidade

e o compromisso da juventude. Mas dentre os elementos expostos pelo quadro um chama mais atenção, 17,7% dos entrevistados sente-se vulneráveis socialmente, destes 9,6% encontram-se em condições de insegurança pessoal e social, sendo o que melhor caracteriza o jovem na contemporaneidade, 8,1% associado a falta de perspectivas.

Para HEGEL, “a amargura, que o homem transforma ativamente a realidade, provoca destoantes as vividas, como forma de negar o presente, projeta-se necessidades que impõe ritmos as condições dessa transformação ao sujeito”. (HEGEL apud. KONDER, 1981, p.23). Constituindo segregações espaciais (campo atrasado X cidade desenvolvida), onde uns devem ser deixados e outros espaços devem ser alcançados, não refletindo que ambos fazem parte de um mesmo Município, Estado e País.

As mediações presentes e operantes na sociedade nos levam a pensar “sobre outro elemento insuprimível da realidade, nas contradições os aspectos da realidade humana não podem ser compreendidos isoladamente” (KONDER, 1981, p.48), estes estão conectados umbilicalmente as diversas realidades globais, que se apresentam em diferentes lugares e com as mais distintas características, onde

(...) As conexões íntimas que existem entre as realidades, diferentes criam unidades contraditórias em tais unidades, a contradição é essencial (...) sendo o princípio básico do movimento pelo qual os seres existem (...) (KONDER, 1981, p. 49).

AS DICOTOMIAS DO “CAMPO” EM RELAÇÃO A “CIDADE”

Assim, jovens do campo são atingidos frontalmente e cotidianamente pelo estigma do movimento contraditório de viver no campo, estabelecendo tensões segregatórias que cumprem papel de “desqualificação simbólica, associada ao rural, o camponês, a roça, o trabalhador rural, o agricultor familiar a imagem de atraso”, (CARNEIRO, 2007, p. 129), onde segundo BORDIEU: a “classe objeto”, ou seja, reproduz as construções urbanas sobre o campesinato (BORDIEU, apud. CARNEIRO, 2007, p.125).

O conhecimento vivido choca-se, em seu desenvolvimento, com a necessidade de descobrir novas alternativas as suas necessidades, estabelecendo as contradições, onde “os aspectos e as tendências contrárias, provocam fenômenos na realidade objetiva”. Pois, o movimento da existência humana, possui tendências opostas em seu funcionamento, negando a sua realidade e projetando no oposto sua “salvação” social, cultural, econômica e política. Nesta contradição o campo ocupa local vivido e a cidade local sonhado, materializado no desenvolvimento dos contrários “que se excluem reciprocamente e encontra-se em estado de luta permanente”. Dois mundos que apresentam características e

projetos distintos, mas não “são divergentes e não se destroem mutuamente”, pelo contrário estes mundos “coexistem contraditoriamente e estão ligados organicamente, interpenetram-se e supõem-se um ao outro, o que equivale dizer que eles são unidos e representam a unidade dos contrários” (CHEPTULIN, 1982. p.p. 286, 287,288).

Uma cidade com atrativos, principalmente em opção ao trabalho remunerado, estudo, oportunidades, lazer e infraestruturas, com adensamentos populacionais disposto de forma hora desorganizadas hora planejadas, onde os afloramentos das contradições sociais e econômicas saltam aos olhos, pois as desigualdades e os contrastes sociais se evidenciam como a pobreza, violência, desemprego, agitação, poluição, vida tumultuada pautada por horários rígidos. E o campo com aspectos associados às grandes distâncias, desabastecidos de políticas públicas de infraestruturas sociais, culturais e de lazer, com característica referente às raízes do modo de vida local, como os laços familiares e de amizade, a proximidade da natureza, o lugar do sossego, da paz, tranqüilidade, da qualidade de vida. Realidades imediatas com distintas aparências que se entrelaçam concomitantemente aflorando as contradições e suas divergências pelo uso do tempo, que se torna responsável pela “fissura” que esclarece os motivos essenciais e a mediação dos fenômenos.

THOMPSON, (1998) materializa esta diferenciação do uso do tempo em seu livro, “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional”, nosso propósito não é resgatar todos os argumentos do autor que constrói historicamente o uso do tempo e dos instrumentos que irão mediar, mas sim fazer o esforço de diferenciar os seus usos. No meio rural, o tempo cumpre função mediadora das relações estabelecidas de trabalho com a natureza, animais e a sociedade, pois o “relógio diário” é o dos animais e das plantas, “a rotina das tarefas pastoris e o cultivo do campo” (...) “a passagem do tempo são basicamente a sucessão dessas tarefas e a sua relação mútua”. Pois o tempo está umbilicalmente ligado as coisas a serem feitas no dia, na semana, partindo sempre das maiores necessidades da família mais imediatas, pois o

(...) Camponês ou trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade, pois (...). Na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “trabalho” e a “vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados- o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa- e não há grande senso de conflitos entre o trabalho e o passar o dia (...). (THOMPSON, 1998. p.271).

Formas de mediação que independem do lugar, se assemelham, transparecendo como modo de vida, como podemos perceber na pesquisa realizado por BORDIEU,

(1972), que investigou a realidade dos campos Argelinos, onde irá detalhar o modo de vida dos camponeses Cabilas em relação ao uso e administração do tempo, a:

(...) Uma atitude de submissão e de indiferença imperturbável em relação à passagem do tempo, que ninguém sonha em controlar, empregar ou poupar (...). A pressa é vista como uma falta de compostura combinada com ambição diabólica. O relógio é às vezes conhecido como a “oficina do diabo”, não há horas precisas de refeição, a noção de um compromisso com hora marcada é desconhecida (...). (BORDIEU, 1972. p.270).

A negação desta realidade ocorre nos meios urbanos, pois a construção do tempo está relacionada ao dinheiro, onde são freqüentes afirmações que valorizam a racionalização do tempo, convertido ao acúmulo de capitais, “onde costumamos dizer, de um homem que ficou rico com o seu trabalho, que ele fez bom uso de seu tempo”. Pois esta ruptura está materializada no aprimoramento das técnicas para suprir a necessidade de “sincronização do trabalho e maior exatidão nas rotinas do tempo da sociedade capitalista”. Estando o tempo fundamentado com função específica de organizar e disciplinar os processos “de exploração da mão de obra”. (THOMPSON. 1998. p.p. 295, 289). Condução que percebemos claramente nos meios urbanos, que objetivam a “tentativa de impor o uso-econômico-do-tempo”, onde tudo que a vida urbana possui valor de mercadoria, trabalho, as amizades, a alimentação, a segurança, a saúde, o lazer, está realidade mercadológica provoca o choque destas “medidas com a vida social”. (THOMPSON. 1998. p.291).

Mundos com realidades e projetos distintos, mas ligados organicamente, onde ambos se entrelaçam e se interpenetra um ao outro coexistindo temporalmente representando a unidade dos contrários. “O que precisa ser dito não é que um modo de vida seja melhor do que o outro, mas que esse é um ponto de conflito de enorme alcance” (THOMPSON. 1998. p.294), e que estas realidades imediatas estão carregadas de mediações e essências que muitas vezes não conseguimos perceber, sem realizar uma reflexão da totalidade de forma aberta sem reduzir sua infinita riqueza, pois um jovem do meio rural que decide se mobilizar para passar a viver temporariamente ou definitivamente, para suprir necessidades, da sua reprodução social, que não lhe é oferecido no campo, enfrenta estas transformações de forma contraditória e não passiva, ou seja, o movimento caracteriza-se pela imediata realidade de saída do campo, mas essencialmente este jovem frente à “exploração” encontra na “resistência”, as forças para alcançar seus sonhos, “pois os valores resistem a serem perdidos, vem a ser ganhos”. (THOMPSON. 1998. p.301).

A BUSCA PELO MELHOR ENTRE DOIS MUNDOS

Na pesquisa realizada por GONÇALVES, (2010) a realidade de camponeses mandioqueiros de Taiobeiras no vale do Jequitinhonha, no norte do estado de Minas Gerais, é de um processo de migração sazonal para a capital paulista para vender sua produção de mandioca, retornando para suas comunidades nas festas religiosas e no período das águas⁵ para trabalharem em suas roças. Neste vai e vem “mantém o hábito de ir despachando com antecedência as suas encomendas para seus locais de origem a fim de não pesarem no ônibus no dia da viagem. Entre eles está prática comercial é muito intensa”, onde há a necessidade de se mobilizar para resistir, ou seja, a realidade contraditória de sair temporariamente para adquirir elementos que garantam a reprodução social. Constituindo um caminho de mão dupla de interligação de dois mundos, distintos, onde “enviam para seus locais de origem: roupas, dinheiro e outros objetos adquiridos na metrópole”, suprimindo suas necessidades de consumo no campo. Ocorre também o inverso, onde:

É comum comercializarem, queijo coalho, requeijão, fava e feijão de corda, trazidos de Taiobeiras para São Paulo ou no caminho inverso, pelos ônibus “alternativos” conhecidos por clandestinos... (GONÇALVES, 2010, p. p. 69, 70, 71,72).

Dois mundos distantes e contraditórios, com realidades divergentes, difusas e heterogêneas, mas um desejo em comum, sair da invisibilidade social, para isto, buscam fora o que não encontram nas comunidades ao mesmo tempo em que preservam sua identidade camponesa e os laços com suas origens. Como observamos nas fotos da pesquisa realizada por (GONÇALVES, 2010, p. p. 17,22).

⁵ Os mandioqueiros vão em junho para Taiobeiras, a fim de participarem das festividades religiosas das suas comunidades de origem. Muitos já ficam por lá e só retornam nos meses de janeiro a junho do ano seguinte. Outros principalmente os jovens, retornam e trabalham nos meses de julho a Setembro e no início do “período das águas”, retornando a Taiobeiras para ajudarem no plantio das roças.



Foto 1: Jovens iniciando os trabalhos de venda. (cidade de São Paulo). **Foto 2:** Meninas a caminho da escola, na zona rural. (comunidade rural em Taiobeiras).

Segundo, CARNEIRO, (2007) a vida almejada pelos jovens do campo está centrada no “melhor dos dois mundos”, pois estes, não desejam a vida juvenil da cidade, tal como ela é, ou seja, “os jovens do campo não têm a vida juvenil urbana como padrão ideal, eles desejam o melhor do campo somado com o melhor da cidade”. No entanto, conciliar as melhores sensações destes dois mundos, “não é possível realizar na localidade de origem, devido a isto, mobilizar-se para as pequenas cidades pode ser a alternativa disponível” (CARNEIRO, 2007. p.70). Já GUARANÁ, (2009) coloca em dúvida a mobilidade exclusiva da juventude rural, pois questiona: “será que este fenômeno não atinge os jovens das periferias urbanas”? Na perspectiva de construção de outros projetos de vida, ou seja, as necessidades políticas, sociais, estruturais e culturais atingem estes que vivem na cidade, materializando características semelhantes entre os jovens do campo e da cidade. (GUARANÁ. 2005, p.34)

Pois quando voltamos a observar a pesquisa de ESTEVES (2008), encontramos jovens sem perspectiva, ficando claro que quanto maior e intensa a urbanização maior e a falta de esperança e perspectiva no futuro, onde 10% dos entrevistados em áreas metropolitanas possuem esta sensação, caindo para 8,6% em áreas urbanas não metropolitanas, despencando para 5,5% entre aqueles entrevistados em áreas rurais, ou seja, os jovens moradores do campo possuem maiores expectativas de futuro, apesar de todos os problemas vividos de desabastecimentos de infra-estruturas públicas, pois ainda segundo a pesquisa esta preocupação comparece como terceiro problema para os jovens do meio urbano enquanto para os jovens rurais comparece como sétimo. Ao analisar os dados há uma questão preocupante, pois mostra que quanto maior os níveis de estudo menor é a sensação de perspectivas futuras, pois 14% dos jovens com ensino superior e para 11% dos

que completaram o ensino médio a falta de perspectiva é a característica que melhor define a juventude. (ESTEVEES, 2008. p.p. 6,7,8).

A história é marcada por superações, onde sujeitos de distintos territórios lutam para romper o cerco da exclusão e a invisibilidade social, movimento contraditório onde os sujeitos se fazem e se refazem como nosso jovem camponês Zadig, que foge das evidências e vai afundo nos elementos mediadores das relações, abrindo caminhos antes impossibilitados, pois as grandes mudanças estão carregadas de negação da realidade objetiva, mas ao mesmo tempo preservam toda a identidade que anteriormente tinha sido estabelecida, pois “a história, em seu conjunto, não é outra coisa senão uma transformação continua da natureza humana”. (KONDER, 1981.p. 53).

WANDERLEY (2007), que estudou os municípios rurais Pernambucanos de glória de Goitá (Zona da Mata Norte), Orobó (Agreste Setentrional) e Ibirimim (Sertão do Moxotó), qualifica os desejos juvenis pelas melhores ofertas “dos dois mundos”, constata que a escolha pela vida rural não se restringe unicamente, por razões profissionais, mas se fundamenta pela avaliação positiva do próprio modo de vida e sobre os atributos da vida no campo. Pois dos 615 jovens de 15 a 24 anos entrevistados, 47,4% valoriza os vínculos locais, de amizade, vizinhança e família, 9,9%, destaca os elementos positivos e a qualidade de vida do meio rural. Somado ao afloramento das características positivas do meio rural temos ainda o argumento que a produção agrícola no meio rural favorece o “sustento” da família, ao contrario da cidade, que exige o acesso a recursos monetários. (WANDERLEY, 2007, p. p. 27, 28).

Diante das realidades contraditórias vividas no campo e na cidade, encara-se o “concreto como a síntese de várias determinações diferentes e a unidade na diversidade” (KONDER, 1981, p. 45). Então a reflexão e concepção irracionalista que enquadra o fenômeno, na busca de respostas para explicar as aparências, caminha na contramão do conhecimento, pois este não é o fim, mas o início de um processo de busca de elementos que expliquem a essência do fenômeno. Para Marx:

(...) O processo da realidade só podia ser encarado como uma totalidade aberta, quer dizer através de esquemas que não pretendessem reduzir a infinita riqueza da realidade ao conhecimento (...) (MARX apud. KONDER, 1981. p. 45).

Essência que será atingida, se não mais continuar seguindo a mesma trilha batida pelas dicotomias “urbano/rural, centro/periferia, instruído/rude, erudito/popular, liberdade/escravidão, industrial/pré-industrial, moderno/arcaico”, ou seja, a cidade desenvolvida e o campo atrasado, ou ainda a violência encontra-se na periferia enquanto no

centro encontramos o prazer à felicidade nas lojas enquanto consumimos. Para compreendermos uma realidade contraditória, não podemos engessar a discussão e a análise, pois em tradicionais esquemas de pensamento, é corrente a minimização do segundo, como inferior ou pior, em relação ao primeiro conceito. (MUNANGA, GOMES, 2005, p. 218). Onde as definições são vistas como dissociadas, mas na verdade interpenetram, construindo-se mutuamente como parte de um fenômeno mais amplo.

A saída dos jovens do campo como uma problemática, com fim em si mesmo, não se preocupando com o movimento contraditório das ações, pois como referimos acima, o campo, e a cidade são contrários com características distintas, que subexistem no mesmo espaço geográfico, possuindo interdependências econômicas, produtivas, culturais e políticas, mesmo estes sendo parte territorial de um mesmo município, estado ou nação. Pois ver o “movimento puro” somente em uma direção não explica a riqueza essencial da mobilidade camponesa, onde:

(...) Os valores e os novos anseios dos jovens de residência rural em face não apenas da atração que a cidade e seus bens materiais e imateriais exercem sobre eles como também, na direção oposta, em face da revalorização do meio rural por segmentos da população urbana (...) (CARNEIRO, 2007 p. 53).

CONTRADIÇÕES DA MOBILIDADE DOS JOVENS DO CAMPO

É importante dizer que não é possível pensar o campo e a cidade como se fossem duas coisas isoladas, independentes, desconectadas uma da outra, pois, a intensificação em sentido duplo da comunicação com a cidade, une os sujeitos, de forma desafiadora e diversa, pois o movimento contraditório das forças capitalistas provoca fenômenos no território, que se expande por meio das sociabilidades e a mobilidade humana, e por esta razão entendemos que os sujeitos que ali vivem não estão e nem devem estar parados, fixados no campo ou na cidade, pois ao mesmo tempo jovens rurais, jovens das periferias, e de centros urbanos caminham em todas as direções em busca de suprir necessidades construídas e reconstruídas cotidianamente, influenciadas pelo “vai e vem” de informações, pessoas, bens de consumo e mercadorias dentro do território e entre os territórios, pois buscam a realização da liberdade, da felicidade que foi interiorizada e construída como condição da existência humana.

Outros sujeitos urbanos se mobilizam no caminho contrário para as áreas rurais, fugindo da agitação da cidade, da violência, desemprego, da baixa expectativa de vida.

Estabelecendo a coexistência de dois mundos, pois ambos se desenvolvem contraditoriamente e temporalmente, pois estes contrários incluem e excluem “tanto indivíduo de origem urbana e de residência rural como indivíduos de origem rural, mas com vivência urbana, seja pelo trabalho, seja pelo lazer”. (CARNEIRO, 2007 p.54).

PIÑEIRO E THOMAZ JUNIOR, (2015), desvendam e materializam o alargamento dos horizontes no entendimento da exploração do trabalho da juventude, pois rompem a dicotomia campo/cidade, onde a “capacidade de migrar dos jovens rurais” somadas a “territorialização do capital no campo” constitui uma fórmula eficiente na “proletarização dos jovens nas cidades e nas cadeias globais do agronegócio e outras formas de exploração capitalista no meio rural, sobre tudo nas atividades de mineração turismo, lazer” (PIÑEIRO, THOMAZ JUNIOR, 2015 p.p. 7,8). Diante destas, observações percebermos a essência do fenômeno, pois a exploração dos jovens está condicionada a sua mobilidade territorial para suprir as demandas e os padrões de acumulação do capital, nas diferentes escalas, ou seja, pouco importa o sentido imediato da mobilidade dos jovens rurais, o que determina está direção mediata é à vontade e os desejos exploratórios das empresas capitalistas, pois o sentido:

Campo/cidade: os jovens saem para as cidades (nacionais, internacionais) para trabalhar e estudar;

Cidade/campo: os que moram em áreas urbanas e rurais próximas de plantios e ou usinas e se assalariam em atividades afins;

Campo/campo: inter-regional, os que percorrem distâncias longas para trabalhar no agrohidronegócio (formais, temporários, informais, etc.) (...) (Grifo nosso). (PIÑEIRO E THOMAZ JUNIOR, 2015. p. 5, 6).

Diante destes aspectos de impasse de classe, os jovens rurais ficam frente a frente de múltiplos caminhos da “negação do modo camponês de reprodução social, ou adotar a racionalidade capitalista de se transformar em agricultores em escala empresarial ou proletarizarem”. (PIÑEIRO E THOMAZ JUNIOR, 2015. p.10). Sendo os mais pobres atingidos pelo “processo de desestruturação/ flexibilização/precarização das relações de trabalho”, (NOVAES, 2008. p.8) realidade que recebe ingredientes que transcendem as fronteiras das necessidades materiais e fixa sua essência na construção das possibilidades emancipatórias da existência humana.

NOVAES, (2008) em seu artigo: Juventude, juventudes. Jovens das “classes C, D e E” frente aos dilemas de sua geração, apresenta a pesquisa com jovens de 14 a 29 anos, demonstrando que os principais motivos migratórios estão associados ao ato de trabalhar, pois 64%, necessitar deixar o campo devido às poucas condições de trabalho remunerado. Ainda afirmam que sair está condicionado a elementos constitutivos de independência,

onde 55% alegam que para crescer na vida e realizarem seus sonhos precisam deixar suas famílias. (NOVAES, 2008. p.p. 7,8) Ficando claro, que os motivos da busca pela venda da mão de obra, perpassam a necessidade de ganhos para suprir as demandas materiais, tem relação com “a liberdade”, pois a:

(...) Visão de liberdade que se desenha no horizonte dos jovens é o caminho da integração e da ascensão social na chamada sociedade de classes, caracterizada pela autonomia de movimento e de maior segurança na constituição das relações afetivas (...). (CHALHOUB, 2011, p. p 97, 98).

Em suas respostas múltiplas a maioria afirma outras motivações para trabalhar, realidade que entrelaça as motivações essenciais humanas de independência e realização. Nos levantamentos de WANDERLEY (2007) e NOVAES, (2008) constatamos a heterogeneidade dos jovens rurais, pois enquanto no Pernambuco resistem à saída e pelo contrário valorizam as qualidades rurais, já no levantamento feito por NOVAES não demonstram vontade de permanecer, pois sair se coloca como uma condição da existência humana, uma necessidade para se reproduzir socialmente, ou seja, demonstram que a necessidade supera a vontade, pois devido às escassas condições de infraestruturas e políticas públicas a vida no campo se inviabiliza.

INTERFERENCIA E INFLUENCIA GLOBAL NOS LOCAIS

A envergadura e complexidade do debate abarcam elementos que estão fundamentados nas estruturas e nas políticas desenvolvidas pela sociedade contemporânea dividida em classes sociais (OLIVEIRA, 2014), elementos dialéticas que fundamentam e carregam diversos contrastes ideológicos, culturais e valores que são responsáveis pela constituição, formação e consolidação da identidade social dos jovens que vivem no campo e na cidade, pois, as dimensões escalares nesta sociedade globalizada (SANTOS, 2002. p. 67) perpassam as fronteiras que estabelecem e definem localidades urbanas ou rurais. Para SANTOS, (2002) o mundo se apresenta “seletivamente no lugar, pois está expresso a partir das ações de poder nas esferas sociais, culturais, econômicas, ambientais e produtivas, onde estas relações estão presentes no lugar e no mundo”, como analisa ainda:

(...) cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Nesse sentido, o lugar é o lugar de uma escolha. O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realiza histórica e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar. (...) SANTOS, 2002. p. 70,71).

As ações locais estão norteadas por vontades externas, pois, “atributo metafórico da globalização, que cumpre o papel e se apresenta como um processo real, seletivo, apresentando-se na perspectiva perversa de construir um novo caminho com outras possibilidades de repensar o mundo” (SANTOS, 1978. p. 76, 77).

A relação quase que cotidiana com o mundo globalizado e a própria conexão íntima com a realidade, cria a proximidade de mundos até então desconhecidos ou “relegados a uma distância incalculável, amplia as fronteiras do mundo da comunidade”, (CARNEIRO 2007, p.54). Processo de descoberta e redescoberta, onde os diferentes criam unidades contraditórias, materializando “aspiralmente” relações restritas aos mais próximos, aos mais iguais, para espaços até então não visitados ou não incluídos na rede de relações sociais do interior do limite da comunidade para com o mundo e com o mundo para a comunidade, movimento pelo qual os seres coexistem.

A pesquisa realizada por ROSAS, (2006), que acompanhou jovens rurais, produtores de abacaxi, da cidade litorânea de Maratáizes, no Estado do Espírito Santo, demonstra que alternam a produção em pequenas faixas de terra com a comercialização dos frutos na cidade do Rio de Janeiro, contrastando vivências rurais e urbanas, ou seja, o processo contraditório das descobertas de “dois mundos”. Pois no período que os “jovens da roça” permanecem nas esquinas da cidade grande vendendo seus frutos, suas “vidas são colocadas entre parênteses enquanto contam os dias (e os frutos) para voltar as suas casas e o convívio com os familiares e os amigos” (ROSAS, 2006, p.54). O ato de desbravar e ampliar as fronteiras da comunidade produz uma rede de relações valorizada pelos membros da coletividade, pois todos reconhecem o esforço destes indivíduos em se aventurar na garantia da comercialização dos frutos do trabalho comunitário. Como podemos observar no depoimento de um familiar, que demonstra a valorização do esforço, onde:

(...) Eles saem daqui e vão pra lá pra vender o que a gente tem de bom e voltam mais alegres. Eles vendem os abacaxis e levam também o que a gente é, gente simples que trabalha pra ter a melhor, paz e tranquilidade. A gente tá junto com eles e por isso a gente tá bem e por isso eles também estão bem (...) nunca vai acontecer nada de ruim com eles, se deus quiser, e deus ajuda a quem trabalha né? A gente aqui sabe que o trabalho é pesado, acordar cedo, vender o dia inteiro. Não é todos que vão pra lá. Os que vão voltam bem (...) (Roberto, 47 anos, pai de Eduardo, 23 anos, que havia ficado por duas semanas longes e acabara de retornar pra casa.) (ROSAS, 2006, p.52).

A conexão entre os jovens rurais e suas famílias, fica evidente quando escutamos o relato do senhor Roberto, a “gente tá junto com eles e por isso a gente tá bem e por isso

eles também estão bem”, (ROSAS, 2006, p.53), comprovando que a mobilidade dos jovens não é algo particular, mas iniciativas combinadas para romper os cercos de invisibilidade e exclusão social, comercial, cultural. Transparecendo uma imediata sensação de saída, mas a essência do fenômeno permanece imbricada, pois a desvinculação de suas referências originais, ao contrário, a saída para a cidade é condição para ficarem no campo, como observamos:

(...) A gente está em casa, mas se tiver de sair a gente sai, querendo voltar logo, mas sai. Trabalhar longe não é problema, trabalhar longe é algo que desde muito se faz (...) para vender os nossos frutos e buscar o pão de cada dia, mas bom é estar junto dos nossos. (...) (Luciano, 28 anos, Lagoa Funda). (ROSAS, 2006, p.54).

Pois, permanecer ou sair do campo não significa necessariamente uma derrota, uma perda ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha individual ou coletiva motivada pelo desejo de manter um padrão de vida, que está ancorada em desejos, vontades, felicidades, em uma coexistência pacífica onde, as possibilidades de morar “com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que até recentemente, só eram disponíveis nas cidades” (CARNEIRO, 2007. p.60).

Diante destas, confluências precisamos avançar no esforço de conhecer a juventude do meio rural, para depois buscarmos perceber o que elas possuem em comum, pois o mesmo movimento que constrói dois mundos distantes e fechados percebe na juventude rural um público homogêneo, e a realidade brasileira não ilustra isto, pois os jovens rurais são marcados por imensa diversidade que se manifesta em aspectos como a linguagem, os estilos musicais, os modos de vida, os tipos de roupa, os valores, disposto em um país continental com disparidades sociais, econômicas, culturais, educacionais em ambientes naturais e geográficos difusos.

Neste cenário plural, que não podemos construir o entendimento superficial do abandono dos jovens das áreas rurais em detrimento da vida na cidade, pois um jovem do sertão que busca conviver com a falta de chuvas ou cuja família foi desalojada pela construção de uma barragem acaba vendo na migração para a cidade o único caminho para a sobrevivência, ou ainda, o jovem que precisa ajudar no sustento da família e não encontra trabalho na região onde mora acaba tendo de sair em busca de oportunidades, ou seja, alguns jovens se mobilizam sem data para voltar, outros por um período curto. Temos que expandir nossos horizontes para compreendermos as essências contidas nos fenômenos,

considerando o “chão de vida”, ou seja, qual é a realidade desta juventude? Quais seus problemas? Onde ela está? E porque está? E como está?

As questões são mais desafiadoras que parecem, não podemos resignar nossos esforços na construção de uma juventude estática, homogênea, pelo contrário os jovens atuais são heterogêneos, contraditórios desde suas relações com as famílias, comunidade, interpessoais, organizacionais, escola, produção, cultural, ou seja, como caracterizar a juventude brasileira atual sem desconsiderar a heterogeneidade de comportamentos de jovens que vivem condições sociais tão desiguais em termos de renda, cor, gênero, local de moradia e outros pertencimentos? Não temos no campo juventude rural, mas sim, juventudes rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nosso camponês Zadig, jovem de grande caráter, aprimorado pela educação, sabia moderar suas paixões, não pretendia ter razão e sabia respeitar a franqueza dos homens, mas havia apreendido que o amor próprio é um balão cheio de vento, do qual saem tempestades quando se dá uma alfinetada.

A juventude camponesa mobiliza-se para romper as cercas que inviabilizam sua reprodução social, de assentamentos, comunidades rurais que não foram planejados para novas famílias além dos seus pais, áreas rurais sem infraestruturas de moradia, trabalho, lazer, esporte, escola, universidade, renda. Realidade que deixa poucas alternativas para sujeitos que possuem sonhos, desejos e projetos que se inviabilizam na realidade apresentada e ao mesmo tempo se viabilizam no caminhar das suas buscas.

O jovem rural está em constante mobilização para alcançar seus sonhos e desejos, não significando o abandono da sua identidade enquanto jovem assentado, jovem do campo. Em uma “metamorfose ambulante” que reserva surpresas de evolução e involução, que se completa, se faz e se refaz, abrindo caminhos onde antes não havia possibilidades de caminhar projetando o futuro nas contradições do presente.

Estas mobilizações estão pautadas pelo desejo de busca pela reprodução social que está diretamente ligada no imaginário dos jovens pela necessidade de qualificação profissional e a necessidade por um trabalho que produza renda. Diante da realidade do campo que sofre com a escassez ou falta por completo de oportunidades para estudo, pois as universidades e escolas de ensino médio estão alocadas nas cidades, sem falar nas oportunidades de emprego que mais do que nunca se encontra concentradas nos

perímetros urbanos. Esta realidade eminente coloca os jovens do campo em um dilema constante e permanente, pois a vontade de permanecer choca-se com a necessidade da saída do campo, pois a reprodução social bate as suas portas, consolidando um movimento contraditório de busca, construção e desconstrução e resistência de jovens camponeses e camponesas.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Modos de dominação. A produção da crença**, 1972.

CARNEIRO Maria José. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais** [Seção do Livro] // **Juventude Rural em Perspectiva**. / A. do livro Guaraná Elisa e Carneiro Maria José. - Rio de Janeiro. Brasil: NEAD. CIP- Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007. - Vol. 1 edição.

CHALHOUB Sidney. **Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. [Livro]. - Rio de Janeiro- Brasil: Companhia das Letras, 2011. - Vol. 1 edição.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista categorias e leis da dialética**. Alfa-omega, 1982.

ESTEVES Luis Carlos Gil e Abramovay Miriam. **Juventude, Juventudes: Pelos Outros e por elas mesmas** [Conferência] // IV Congresso Português de Sociologia. - Lisboa-Portugal: Universidade Nova Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. - Vol. IV edição.

GONSALVES Maria Creuza. **Os Migrantes Mineiros vendedores de mandioca nas ruas de São Paulo** [Relatório]. - São Paulo: Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. USP. 2010.

GUARANÁ Elisa. **Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. [Periódico]. - Quito, Equador: Revista Latino Americana de Sociologia, 2009.

KONDER Leandro. **O que é dialética** [Livro]. - São Paulo- Brasil: Brasiliense, 1981. - Vol. 1 edição.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o Negro no Brasil de Hoje**. História, realidades, 2005.

NOVAES Regina. **Juventude, Juventudes - Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração** [Conferência] // Programa mais cultura audiovisual. - Brasília-Brasil: Edital FIC TV/ MAIS CULTURA, 2008. - Vol. 1 edição.

ROSAS Eduardo Nunes Leite. **Rapazes da Roça na Cidade Grande: Trabalho, Sociabilidade e Projetos** [Relatório]. - Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA Luciano Benini, RABELLO Diógenes e FELICIANO. Carlos Alberto **Permanecer ou sair do campo? Um dilema da Juventude Camponesa.** [Periódico] // Revista Pegada. - Presidente Prudente. Brasil: Revista Pegada (eletrônica), 2014. - ed. 5.

PIÑEROS Robinzon Lizarazo e THOMAZ Antônio Junior. **Juventude Rural e Controle do Trabalho. Reflexões sobre a mobilidade territorial do Trabalho no sec. XXI** [Conferência] // Crise social e crise do/no trabalho: vínculos e contradições entre estrutura e conjuntura no Brasil.. - Jardim- Brasil: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2015. - Vol. XVI Jornada do Trabalho.

SANTOS Milton. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** [Livro]. - São Paulo. Brasil: Ática & Ática, 2002.

SANTOS Milton. **Por uma geografia nova.** [Livro]. - São Paulo. Brasil: HUCITEC, 1978.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum, Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras (1998).

VOLTAIRE Zadig. **o destino** [Livro]. - São Paulo- Brasil: Escala 2008. - Vols. 2 edição - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. "Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro." Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: MAUAD X (2007): 21-34.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 21-34, 2007.

Recebido em: 19 de setembro de 2016

Aceito em: 05 de dezembro de 2016